

Proletários de todos os Países UNI-VOS!



# O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

## O LENINISMO — GRANDE ARMA IDEOLÓGICA DOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS

**M**arx Engels deram à humanidade uma teoria precisa e com bases científicas para a libertação das massas trabalhadoras das garras do capitalismo; do jugo da exploração, da pobreza e ausência de direitos. Esta teoria é o Socialismo científico. Marx e Engels indicaram ao proletariado a sua missão histórica de coeiro do regime burguês, apontaram a revolução socialista como o único caminho para o derrubamento do governo dos exploradores e para o estabelecimento da ditadura do proletariado.

Como consequência de uma situação histórica, a Rússia tornou-se o ponto de convergência de todas as contradições do imperialismo; a maior revolução popular, encabeçada pelo proletariado mais revolucionário do mundo, estava amadurecendo na Rússia, e a Rússia transformou-se por isso no coração do Leninismo; na pátria do Leninismo.

O grande serviço prestado por Lenine não foi somente levantar o Marxismo contra as falsificações dos dirigentes reformistas da Segunda Internacional e oportunistas de todos os matizes, ele desenvolveu criadoramente o Marxismo em conformidade com as novas condições históricas da época do imperialismo e das revoluções proletárias, enriqueceu-o com a experiência viva da luta revolucionária e elevou-o a um novo e mais alto nível. Juntamente com Lenine, na luta pela pureza do Marxismo, para o triunfo das suas ideias, estava incansavelmente trabalhando e está trabalhando agora o camarada Staline, cujas obras são uma contribuição inapreciável para o tesouro do Marxismo-Leninismo. Dia a dia as imortais ideias do Leninismo, brilhantemente desenvolvidas pelo camarada Staline—o grande continuador da causa de Lenine—tornam-se património de massas cada vez mais largas em todos os países e exercem uma influência cada vez maior em todo o curso da história no mundo.

Lenine e Staline levantaram a alturas inatingidas o significado da teoria revolucionária, ensinaram os Comunistas em todos os países a fazerem uma aplicação total do seu poder de mobilização, de organização e de transformação. Nenhum outro ensinamento tinha ainda exercido uma tão colossal influência sobre centenas de milhões de pessoas ou tinha tido um curso tão rápido em todo o mundo, como os ensinamentos de Marx-Engels-Lenine-Staline. Empolgando as massas, eles cresceram e transformaram-se numa poderosa força material que varreu a autocracia czarista e o governo dos capitalistas e agrários na Rússia, asseguraram a construção do Socialismo e a transição gradual do Socialismo para o Comunismo na URSS, transformaram-se numa força que arrebatou os povos da Polónia, Checoslováquia, Hungria, Rumania, Bulgária, e Albânia, agora seguindo o caminho para o Socialismo, que os libertou do jugo do imperialismo e da traidora burguesia nacional, e que conduziu o povo chinês à vitória da revolução popular e lhe abriu o caminho para o Socialismo.

O papel decisivo na disseminação das ideias Marxistas-Leninistas, na luta para transformar estas ideias na prática do movimento Comunista internacional, para o triunfo da revolução socialista e a construção da sociedade socialista, pertence aos Partidos Comunistas e Operários—a vanguarda da

proletariado.

Lenine e Staline ensinam-nos que o Partido é a forma suprema de organização de classe do proletariado, e o seu destacamento avançado, consciente e organizado, cimentado pela unidade de vontades, acção e disciplina, armado com a invencível teoria Marxista e indissolivelmente ligado às massas da classe operária. O Partido Bolchevique, o mais poderoso Partido revolucionário no mundo, fundado por Lenine e Staline, tornou-se precisamente um Partido deste tipo — um Partido de novo tipo, liberto do oportunismo, irreconciliável com os conciliadores e derrotistas, revolucionário em relação à burguesia e ao seu poder estatal.

Os fundamentos ideológicos, orgânicos, táticos e teóricos do Partido Bolchevique, elaborados por Lenine e Staline, provaram ser uma poderosa arma também para os partidos operários de outros países na sua luta para se tornarem genuínos Partidos Marxistas — partidos de um novo tipo. Guiados pelos ensinamentos de Lenine-Staline e a rica experiência do P.C. (B) da União Soviética, os Partidos Comunistas e Operários das Democracias Populares, depurando-se de elementos nacionalistas e outros oportunistas, de agentes e espões dos imperialistas, tornaram-se estados-maiores da classe operária, fortes em virtude da sua unidade e homogeneidade. O Marxismo-Leninismo é a base teórica da sua política, da direcção sobre a vida política dos seus países, da sua construção económica e cultural. Aplicando criativamente o Marxismo-Leninismo e a experiência do P.C. (B) da U.S., eles estão conduzindo firmemente os povos dos seus países do atraso para o progresso, convertendo com sucesso e rapidamente os países de agricultores, dependente no abastecimento da indústria dos estados capitalistas, tal como eram antes da libertação levada a cabo pelo Exército Soviético, em Repúblicas industriais avançadas.

Leal ao Marxismo-Leninismo, o glorioso Partido Comunista da China, sob cuja direcção o grande Povo chinês se libertou para sempre do jugo do feudalismo e do imperialismo estrangeiro, unificou centenas de milhões de trabalhadores para grandes acções de massas, levando a cabo reformas históricas. «Os chineses», disse Mao Tsé Tung, «descobriram a verdade universal do Marxismo-Leninismo, que é aplicável em qualquer parte, e a face da china mudou. Os chineses atingiram o Marxismo como resultado da sua aplicação pelos russos». Sendo a principal força dirigente da ditadura democrática do povo, o Partido Comunista da China está a abrir com sucesso o caminho para a transição para a construção Socialista.

Com que força as importantes palavras pronunciadas por Lenine em 1920 soam agora: «o exemplo russo mostra alguma coisa A TODOS os países, e alguma coisa de muito substancial, para o inevitável e próximo futuro!»

Constantemente consolidando as suas fileiras, o Partido Socialista Unificado da Alemanha, baseado nos princípios do Marxismo-Leninismo, encabeça agora a luta do Povo alemão pela rápida conclusão de um tratado de Paz, para unir todo o Povo alemão numa única Alemanha, independente, amante da Paz e democrática, marchando confiantemente pelo caminho que o torna um Partido de um novo tipo.

Os Partidos Comunistas nos países capitalistas e coloniais estão a construir todo o seu trabalho prático, a sua estratégia e tática nos alicerces de granito do Marxismo-Leninismo.

Insistentemente e resolutamente apontando a traidora, anti-nacional e servil política dos governos burgueses, em relação ao imperialismo americano, e a infame e covilosa actividade da ala direita dos socialistas, os Partidos Comunistas da França e da Itália tornaram-se os principais partidos dos seus países, lutam persistentemente e deligentemente pelos interesses nacionais dos povos, pela unidade da classe operária, pelas reivindicações imediatas e direitos democráticos, e educam as massas trabalhadoras no espírito do internacionalismo proletário. O Partido Comunista da Índia, como o evidenciaram as recentes eleições, tornou-se um factor poderoso na vida política da Índia. Os novos programas dos Partidos Comunistas da Inglaterra, Índia e Japão, e de numerosos outros Partidos Comunistas, são um testemunho vivo da aplicação criadora dos ensinamentos do Marxismo-Leninismo. Expressando os interesses vitais da classe operária e de todo o povo, estes programas, baseados nas condições próprias de cada país, definem claramente os objectivos da luta e o caminho e formas para os atingir.

Os Partidos Comunistas estão ao leme do movimento internacional pela

Paz, por um Pacto de Paz entre as Cinco Potências, contra a militarização da economia, pela retirada dos seus países dos blocos agressivos formados por ordem dos imperialistas dos E.U., contra a sanguinária agressão dos imperialistas americanos na Coreia e contra o emprego por eles da arma bacteriológica.

Os Partidos Comunistas e Operários são guiados na sua actividade diária pelos ensinamentos de Lenine e Staline quanto à necessidade de um contacto vivo, de um mais estreito contacto entre o Partido e as massas. «O Partido», diz o camarada Staline, «não pode conduzir a classe se não está ligado às massas sem-Partido, se não houver um laço entre o Partido e as massas sem-Partido, se estas massas não aceitarem a sua direcção, se o Partido não gozar de crédito moral e político entre as massas».

A experiência dos Partidos Comunistas e Operários nas Democracias Populares e dos Partidos Comunistas nos países capitalistas mostra que lá onde os membros do Partido não estão divorciados do povo sem-Partido, não se encerrando nas suas conchas de Partido, onde o Partido dá ouvidos atentos à voz das massas, presta cuidadosa atenção ao seu instinto revolucionário, estuda as léclicas da luta das massas, e no seu caminhar verifica a correcção da sua política, e, seguidamente, não só ensina mas aprende com as massas — então o sucesso da política do Partido está assegurado, então o Partido goza de forte apoio entre o povo, então a influência do Partido cresce de dia para dia.

Limitada lealdade ao Marxismo-Leninismo e fidelidade para com a União Soviética, luta irreconciliável contra os piores inimigos do movimento da classe operária — os socialistas de direita, vis lacaios do capitalismo, e a camarilha fascista de Tito — tais são os caracteres básicos das qualidades do militante de qualquer Partido Comunista, uma condição indispensável para o crescimento da sua influência entre as massas e justiça da sua política. Qualquer desvio do Leninismo, do internacionalismo proletário, significa uma traição à causa da classe operária, uma traição aos interesses do próprio povo.

Nós estamos a viver num período em que as forças da Paz, Democracia e Socialismo estão a crescer, tornando-se mais fortes de dia para dia, quando o velho mundo — o mundo do capitalismo, o mundo da exploração, pobreza e guerra — se está desagregando cada vez mais. Isto confirma claramente, ainda mais e mais, a firme justiça do Leninismo e é bem um sinal precursor do triunfo que se aproxima em todo o mundo das inolvidáveis ideias de Lenine.

De «POR UMA PAZ DURAVEL, PELA DEMOCRACIA POPULAR», Abril de 1952, nº 16.

\*

\*

\*

\*

## O PARTIDO E AS ULTIMAS «ELEIÇÕES» PRESIDENCIAIS

As campanhas «eleitorais» conduzidas pelas forças democráticas quando da apresentação dos candidatos de oposição à presidência da República, General Norton de Matos e Professor Rui Luiz Gomes trouxeram, além de grandes êxitos para as forças democráticas portuguesas, uma rica experiência política, que importa muito estudarmos, para que se não tornem a repetir certas deficiências e se amplifiquem consideravelmente as vitórias.

É sobretudo da experiência colhida pelo nosso Partido e pelas massas democráticas com a apresentação da candidatura do Prof. Rui Luiz Gomes pelo M.N.D., das suas grandes vitórias e dos seus erros, que este artigo trata, embora um pouco tardamente. Ele deverá servir, pois, de matéria de estudo para todas as organizações e militantes do Partido.

### TRIUNFOU A LINHA DO PARTIDO

Todas as manobras conduzidas pela camarilha salazarista sob a orientação dos seus patrões norte-americanos, para se poder cobrir com o falso manto de uma legalidade consilucional, têm caído pela base, graças à oposição firme das massas democráticas,



encabeçadas pelo Partido Comunista e pelas outras organizações democráticas. A denúncia das ilegalidades fascistas, das suas traças e violências, levou a grande massa do Povo português a abster-se de ir votar quando das eleições-burla de 1945, 1949 e 1951, isolando assim os candidatos fascistas a deputados e para a presidência da República, mostrando claramente ao país e ao estrangeiro que o governo de Salazar é um governo ilegal, imposto ao povo pelo grande capital nacional e estrangeiro e completamente divorciado da nação. Graças à justeza da linha política defendida pelo Partido Comunista e seguida pela grande massa dos democratas, a oposição democrática às eleições-burla de 1945 e de 1949 absteve-se de participar nessas eleições, apesar de todos os «cantos de sereia» vindos do arreal fascista e do oportunismo colaboracionista de certos falsos democratas anichados nas comissões do MUD e da candidatura do General Norton de Matos. A linha do Partido, que representava os interesses do povo, triunfou, e os fascistas foram desmascarados mais uma vez.

As tentativas dos fascistas e falsos democratas, para procurarem isolar o Partido Comunista no decorrer da última campanha eleitoral, falharam em toda a linha. «A orientação do Partido triunfou e foram os fascistas que ficaram isolados e não nós» («Avental» nº 160). Mais uma vez o candidato salazarista ficou isolado pela abstenção das massas, que se recusaram a ir votar no candidato fascista e pela forçada desistência do colaboracionista Almirante Quintão Meireles. A grande massa do eleitorado absteve-se de participar nas eleições-burla, recusou-se a ir votar no candidato da Fome, da Guerra e do Fascismo, no general Craveiro Lopes.

A movimentação de muitos milhares de democratas e portugueses honrados, em volta da candidatura apresentada pelo M.N.D. na pessoa do Prof. Rui Luiz Gomes, veio confirmar a justeza da linha política do Partido Comunista, QUE DEFENDIA A APRESENTAÇÃO DE UM CANDIDATO DE OPOSIÇÃO PELO M.N.D. E QUE, ASSIM QUE DELA TEVE CONHECIMENTO, APOIOU A APRESENTAÇÃO DA CANDIDATURA DO PROF. RUI LUIZ GOMES, QUE MERECE A CONFIANÇA DO POVO, E TINHA DADO PROVAS BEM CLARAS DO SEU AMOR À PAZ, À DEMOCRACIA E À INDEPENDÊNCIA NACIONAL.

Ao contrário do que profetizavam certos políticos de vistas curtas, a apresentação de um candidato pelo M.N.D. abriu novas perspectivas a este movimento, alargou a sua organização no plano nacional e popularizou entre as massas os seus objectivos. A APRESENTAÇÃO DO CANDIDATO DA PAZ E DA DEMOCRACIA PELO M.N.D. VEIO REFORÇAR CONSIDERAVELMENTE A LUTA DO NOSSO POVO EM DEFESA DA PAZ E DA DEMOCRACIA, ampliou a luta dos anti-fascistas e patriotas portugueses contra a camarilha salazarista. Foi pois justa a escolha do presidente do M.N.D. como candidato, pois que tantas e tão brilhantes provas de firmeza e de fidelidade ao povo tem dado.

### O QUE SIGNIFICAVA A CANDIDATURA DO PROF. EGAS MONIZ

A linha do Partido triunfou, em primeiro lugar, sobre as concepções oportunistas daqueles democratas (e até alguns comunistas!) que defendiam a apresentação da candidatura do Prof. Egas Moniz pelo M.N.D., ou que julgavam preferível que este movimento não apresentasse candidato algum.

A candidatura do Prof. Egas Moniz era defendida, sobretudo, por elementos que mal conheciam a biografia política deste vago democrata e ignoravam o seu anti-sovietismo e as suas ligações capitalistas com grandes trusts estrangeiros dominados pelo capital norte-americano (Nestlé-Alimentana) e a sua participação activa em importantes empresas capitalistas nacionais (Seguros Vitalícia, Seguros A Nacional, Empresa Agrícola de Catanhede, etc.) e que viam somente no prestígio científico do Prof. Egas Moniz (como primeiro prémio Nobel no nosso país) razão suficiente para fazer dele um candidato democrata à presidência da República. Esses democratas ignoravam, por exemplo, que o Prof. Egas Moniz quando era presidente da Comissão Nacional para a defesa da Paz, considerou o Pacto do Atlântico útil e se recusou a assinar o Apêlo contra o emprego das armas atómicas ou a tomar qualquer atitude pública em defesa da Paz.

Ao defenderem a candidatura de Egas Moniz alguns democratas revelavam também concepções oportunistas, pois a razão fundamental que apresentavam, era «que ele seria bem aceite por muitos elementos da chamada «terceira força» e que o governo não se atreveria a reprimir a luta a favor desta candidatura». Isto é, estes elementos partiam do princípio, errado, que os oportunistas apoiariam qualquer candidato apresentado pelo M.N.D. e ligado às classes trabalhadoras e que a legalidade do movimento da candidatura democrática

GES  
PCP

**NÃO SERIA CONQUISTADA** através da luta de massas, **MAS SIM MENDIGADA** junto do governo de Salazar com abdições e subserviências!

Hoje e sempre, um candidato democrata só poderá ser uma pessoa que tenha no seu passado actividade política, algo de concreto em prol da Paz e da Democracia, em prol das massas trabalhadoras e do povo em geral. Esse candidato tem de ser uma pessoa que ao povo mereça confiança e tenha dado a este provas insofismáveis de que se não arredará do justo caminho. Por isso ao povo não interessou a candidatura do Prof. Egas Moniz e por isso o povo recebeu com alegria, seguiu e apoiou a candidatura do Prof. Rui Luiz Gomes. A consciência política das massas populares não é hoje a mesma que era há 25 ou 30 anos, quando o Prof. Egas Moniz era um dos dirigentes do P.R.P. e, como ministro dos Estrangeiros, ia para a Conferência da Paz, em 1918, fazer discursos anti-soviéticos; por isso o povo não aceitaria como seu candidato o Prof. Egas Moniz, como não aceitará, em circunstância alguma, pessoas afectas ao grande capital monopolista, ao Pacto do Atlântico e aos ateadores de guerra estrangeiros e contrárias à política de Paz da URSS e das Democracias populares.

### A COLABORAÇÃO COM OS FALSOS DEMOCRATAS

A linha do Partido triunfou, em segundo lugar, sobre as concepções daqueles democratas que julgavam possível e desejável uma colaboração com os elementos de direita do P.R.P., da União Socialista e de outros partidos. Esses democratas endavam a preconizar uma hipotética unidade de acção do Partido com estes inimigos do povo tendo como base uma candidatura, como se essa gente (que a linha declarara e abertamente ao lado das forças imperialistas que querem a guerra e que agitam o espantinho do papão comunista para encobrirem os seus verdadeiros objectivos) ESTIVESSE DISPOSTA A UNIR-SE ÀS CLASSES TRABALHADORAS NA SUA LUTA PELO PÃO, PELA TERRA, PELA PAZ E PELA DEMOCRACIA E A APOIAR UM CANDIDATO QUE LUTASSE HONRADAMENTE PELA PAZ E PELA DEMOCRACIA. A prova está bem à vista com a «nota» então publicada na imprensa diária pelo Directório do P. R.P. (os mesmos que combateram a candidatura do General Norton de Matos!), onde se aconselhavam os seus filiados a negarem o seu apoio ao candidato do M.N.D. e a apoiarem a almirante Quintão Meireles, bem assim como as directrices dadas pelos dirigentes da União Socialista aos seus aderentes, para se recusarem a participar em qualquer comissão ou sessão ou assinarem qualquer documento de apoio ao candidato da Paz e da Democracia, Prof. Rui Luiz Gomes, e em defesa da Paz ou contra a repressão fascista. Essa gente, que defende acima de tudo o sistema capitalista, está de alma e coração com os reacçãoários imperialistas norte-americanos e ingleses, defende o Plano Marshall e o Pacto do Atlântico e odeia a classe operária — as declarações do «seu» candidato Quintão Meireles, a este respeito, não fizeram mais do que comprovar insofismavelmente estas verdades.

Se os interesses das classes trabalhadoras, do povo e do país exigem que se lute com todas as nossas forças contra o escravizador Plano Marshall e contra o agressivo e ruinoso Pacto do Atlântico e se defenda a causa sagrada da Paz, **COMO CONCILIAR ESTA LUTA COM UMA HIPOTÉTICA «UNIDADE» COM INDIVÍDUOS QUE SE MOSTRAM DISPOSTOS A COLABORAR COM OS PIORES E MAIS PODEROSOS INIMIGOS DA PAZ, DA INDEPENDÊNCIA NACIONAL E DAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS?**

Os que defendem, no fim de contas, aqueles democratas que queriam uma ilusória «unidade» com os oportunistas (só possível na medida em que nós comunistas aderissemos à sua política de subserviência ante os imperialistas e de abdição perante a luta) era, na prática, a abolição da luta consequente contra o fascismo e o imperialismo, era a conciliação com os piores inimigos do nosso povo, era nós comunistas entrarmos numa política de compromissos com os partidos burgueses inimigos da classe operária, que temem acima de tudo a participação das classes trabalhadoras na vida política do país e que estão dispostos a fazer tudo e irem a toda a espécie de traições e negociações com os piores inimigos do nosso povo — os imperialistas americanos e ingleses — para tentarem travar a luta das classes trabalhadoras por um futuro melhor. Esse caminho não pode ser nunca, **NEM EM CIRCUNSTÂNCIA ALGUMA**, o caminho do Partido Comunista nem dos comunistas.

Se seguíssemos a orientação preconizada por esses democratas conciliadores, isso significava deixar-nos arrastar e deixar arrastar a classe operária, as massas trabalhadoras e os democratas pelos seus inimigos. Significava colocar o movimento sob a direcção da burguesia e caminhar segundo os seus interesses, seria deixar-nos ir

**GES  
PCP**

a reboque daqueles que não defendem o povo mas que tudo fazem para, servindo-se dele, atingirem os seus fins económicos e políticos.

### AS FALSAS CONCEPÇÕES LEGALISTAS



Em terceiro lugar, a linha do Partido triunfou sobre as concepções legalistas de aqueles elementos que diziam que a apresentação de um candidato tão «queimado» como o Prof. Rui Luiz Gomes, «prejudicaria a sua própria candidatura e o futuro do M.N.D.»; que não duvidavam afirmar que «a meia dúzia que iria apoiar tal candidatura iria parar à cadeia»; que era «um delírio», uma «burrizada», apresentar-se o Prof. Rui Gomes. Diziam eles que o Prof. Rui Luiz Gomes «para agora não servia»...

Que revelavam estas ideias?

Em primeiro lugar, revelavam que esses democratas dão ouvidos à voz do inimigo fascista, que se deixam suggestionar pelas suas campanhas tendenciosas. Eles esqueciam-se que o General Norton de Matos foi acusado pelos fascistas de estar «ao serviço de Moscovo», unicamente por contar com o apoio dos comunistas e que, qualquer candidato, por mais insuspeito de comunista que possa ser, logo que combata honradamente a política de guerra e de traição do governo e que conte com o apoio das massas trabalhadoras, passará a ser acusado de «comunista» pelos fascistas e pela gente da chamada «terceira força» — ideologicamente ligada aos fascistas pelas suas posições de classe.

Em segundo lugar, os que diziam que o Prof. Rui Luiz Gomes «para agora não servia» pensavam (e talvez pensem ainda) que o povo, e muito em particular a classe operária, não sabem escolher o seu candidato. Nos comícios e sessões do MUD, da Candidatura do General Norton de Matos e em outros locais as massas notavam as posições desassombradas e firmes do Prof. Rui Luiz Gomes e confiavam nele. O povo expressou por mais duma vez a sua confiança no presidente da C.C. do M.N.D., ele era o seu candidato natural, porque tinha grangeado a sua confiança na luta, à frente das massas, nas prisões e no tribunal fascista. Este conjunto de circunstâncias impunha o Prof. Rui Luiz Gomes como candidato «para agora», ao contrário do que pensavam esses democratas pusilânimes.

Os democratas que defendiam estas ideias, não pensavam numa luta a sério contra o fascismo. Eles não vêm na luta das massas populares, com a classe operária à cabeça, o caminho seguro para o derrubamento do fascismo, para a Paz e para a Democracia, mas julgam que elas poderão ser alcançadas com habilidades maquiavélicas ou transigências cobardes de uns tantos senhores importantes. Esses democratas, que se julgavam revolucionários, esquecem a conhecida frase de um revolucionário burguês: «audácia e sempre audácia», grande lema das forças que detêm o futuro nas suas mãos e que lutam revolucionariamente por ele.

### OS OBJECTIVOS REAIS DA CANDIDATURA QUINTÃO MEIRELES

A apresentação, por um grupo de fascistas descontentes, monárquicos, políticos oportunistas e outros, da candidatura do almirante Quintão Meireles, teve como objectivo fundamental aproveitar a oportunidade de uma campanha «eleitoral» para tentar unificar, num único movimento, todos os elementos dos partidos burgueses anti-comunistas e anti-soviéticos que não estão de acordo, em palavras, com o rumo que os salazaristas estão dando à governação pública no interior do país, MAS QUE ESTÃO INTEIRAMENTE DE ACORDO COM OS COMPROMISSOS ASSUMIDOS PELO DITADOR PORTUGUÊS PERANTE OS IMPERIALISTAS AMERICANOS E INGLESES. Por outro lado, com a apresentação da candidatura do Almirante, eles pretendiam dividir as forças democráticas e diminuir os perigos que representava a candidatura do M.N.D. para as forças da reacção nacional e do imperialismo estrangeiro. A candidatura do Almirante tinha como função, pois, criar um tampão entre o fascismo e as massas populares, de forma a reforçar a capacidade defensiva deste. Esta necessidade surgiu como consequência do reforçamento do campo da Paz e da Democracia no nosso país. E a prova que isso era assim, está no facto de não ter sido aceite a candidatura do M.N.D. e ter sido aceite a candidatura do Almirante, por ser aquela que servia a reacção.

A política de «apaziguamento», tão apregoada pelos apaniguados do Almirante, tinha como objectivo bem evidente, constituir um agrupamento político com força suficiente para poder tentar contrabalançar a influência do M.N.D. no nosso povo e travar, nessa altura ou para o futuro, a luta das massas populares pelos seus ver-

dados objectivos: a Paz e a Democracia. ELES SÃO, POR ISSO MESMO, UMA RESERVA DA REACÇÃO NACIONAL E DO IMPERIALISMO ESTRANGEIRO.

Isso era tanto assim, que apoiando a candidatura do Almirante apareciam as mais heterogêneas figuras políticas dos partidos burgueses, movidas por uma única preocupação: criarem um agrupamento político capaz de poder vir a suceder ao governo de Salazar «sem deixar cair o poder na rua», isto é, nas mãos do nosso povo. Por isso apareciam a apoiar a candidatura do Almirante os banqueiros Dr. Carlos Ribeiro Ermida (director da Ass. Industrial Portuguesa e administrador de numerosas empresas capitalistas) e António Casanovas Augustine (fornecedor dos nazis durante a guerra) juntamente com o Dr. Alfredo Filipe (ligado ao poderoso trust alemão Siemens e administrador de grandes empresas capitalistas) e o procurador à Câmara Corporativa José Moreira Rato, o brigadeiro Vasco de Carvalho, «inimigo frio e implacável dos comunistas» (como lhe chama o insuspeito «Diário da Manhã»), sem esquecer o ex-director do Campo de Concentração do Tarrafal, Manuel Martins dos Reis (responsável de mais de uma dezena de mortos dos melhores filhos do Povo português) e dos nazis Mário Pessoa, Alçada Padez e Rolão Preto, até militares do putsch do 10 de Abril e dos oportunistas e traficantes políticos Cunha Leal, Nuno Simões, Pires de Matos, Vasco da Gama Fernandes e outros.

A conhecida demagogia de um Cunha Leal, de um Rolão Preto, de um Nuno Simões, e de muitos outros corifeus do Almirante, procuraria servir (como sempre tem servido) a reacção nacional e os imperialistas estrangeiros no caso da marcha dos acontecimentos no país ou no estrangeiro imponem o desaparecimento do governo de Salazar.

Se é certo que a apresentação da candidatura do Almirante representou, por parte de certos fascistas, falta de confiança no futuro do Estado Novo e uma cisão nas suas fileiras (que já vem de longe), não é menos verdade que ela iludiu muita gente simples, QUE SERVIU POR ISSO MESMO OS OBJECTIVOS DOS PRÓPRIOS SALAZARISTAS NO DECORRER DA CAMPANHA «ELEITORAL».

Na medida em que os salazaristas permitiram a publicidade nos jornais diários das «notas» e «comunicados» do Almirante, isso serviu-lhes à maravilha para cortarem todo o noticiário da candidatura do M.N.D. e lhe negarem toda e qualquer publicidade. As acusações do Almirante à camarilha salazarista, cheias de subentendidos, revelando a preocupação de não molestar certos figurões fascistas, não eram de molde a pôrem em perigo a estabilidade do Estado Novo. Eram desavenças de família.

No decorrer da campanha «eleitoral» os salazaristas procuraram relegar para um segundo plano a candidatura do Prof. Rui Luiz Gomes para facilitar, por esta forma, a acção repressiva da policia. Num lado punham o ramo e no outro vendiam o vinho. Se os fascistas procuravam esconder ao Povo português o significado da apresentação da candidatura da Paz e da Democracia, NÃO DEIXAVAM DE VIRAR CONTRA ELA TODA A SANHA DOS SEUS MASTINS POLICIAIS. A acção repressiva contra a candidatura do M.N.D. tomou mesmo aspectos sangrentos, inéditos na nossa história, como o demonstra a agressão de Rio Tinto, que atingiu o próprio candidato. Contra a candidatura apresentada pelo M.N.D. se levantaram todos os obstáculos e todas as dificuldades por parte das autoridades fascistas; elas só foram vencidas quando a vontade das massas levou de vencida as medidas repressivas do governo.

Devido ao facto do Almirante e da sua gente se encontrarem isolados das grandes massas, da assistência às sessões do Areeiro e de Estarreja se ter manifestado discordante com as afirmações anti-comunistas e anti-soviéticas de alguns dos seus propagandistas, de os «meirelistas» não quererem ficar completamente isolados das massas para o futuro e de só poderem contar através de todo o país com um número muito limitado de caciques locais pouco dispostos a actuarem, o Almirante foi forçado a desistir.

A mesma gente que, quando da candidatura do General Norton de Matos, mais se encarniçou no sentido de se ir com essa candidatura até à boca das urnas e que mais combateu a justa linha do Partido Comunista, que defendia a abstenção, foi agora colocada, devido ao seu isolamento das massas, numa posição contraditória, foi forçado, devido à sua debilidade política, a ir para a disistência.

Para muitos democratas honrados (e até para certos comunistas!) esta candidatura apareceu simplesmente como um fenómeno de decomposição política do fascismo, como o caminho mais fácil para uma situação política diferente. Esta foi a razão porque a gente que rodeava Quintão Meireles (desacreditada muita dela politicamente) ainda pode iludir muitos democratas mais ingénuos.

Para esta incompreensão quanto ao significado político da candidatura do Almirante muito contribuiu, também, a posição dúbia de certas comissões do M.N.D., que não procuraram desmascarar os objectivos dos «meirelistas» e que, pelo contrário,

alimentaram essas ideias falsas, na medida em que se recusavam a pronunciarem-se publicamente sobre essa candidatura e iam até ao ponto de afirmarem, como sucedeu em algumas localidades, «que perante a não-aceitação pelo governo da candidatura do Prof. Rui Luiz Gomes, havia que ir votar no Almirante».

### ALGUNS ERROS QUE IMPORTA CORRIGIRMOS



Indubitavelmente que foram os comunistas e simpatizantes os mais activos impulsadores na formação de muitas comissões do M.N.D. no decorrer da candidatura do Prof. Rui Luiz Gomes, como já antes o tinham sido das comissões do MUD e da candidatura do general Norton de Matos. Sucede, porém, que muitas dessas comissões foram organizadas, postas em ligação com os quadros do M.N.D. em seguida e, depois, ABANDONADAS À SUA SORTE! Isto é, os nossos camaradas, que tanto se esforçaram para conseguirem que os democratas se organizassem nessas comissões pensaram que, desde o momento em que elas foram ligadas à organização do M.N.D., nada mais tinham a fazer. Sucedeu assim que muitas dessas comissões, porque não tiveram o auxílio político devido, logo no seu início, se desfizeram ou vieram a perder alguns dos seus elementos, ou não realizaram as tarefas políticas que tinham pela frente. Não basta que sejam os comunistas os maiores e melhores impulsadores nestes momentos, É PRECISO QUE SEJAM TAMBÉM OS MELHORES E MAIS SEGUROS ORIENTADORES, que saibam acompanhar o trabalho político das comissões, que as defendam com tacto e perseverança a materialização da linha do Partido.

No decorrer da campanha «eleitoral» verificou-se certa falta de audácia e de iniciativa em muitas comissões do M.N.D., que não actuaram com rapidez e energia no sentido de se porem em contacto com as massas e de promoverem reuniões e sessões públicas. Em certos sectores, como por exemplo em Lisboa, Coimbra e outras localidades, não se trabalhou eficientemente no sentido de se realizarem sessões públicas.

Perante esta grave deficiência das comissões do M.N.D., que fizeram os comunistas que dentro delas se encontravam? Trabalharam, como lhes compelia, no sentido de vencerem esta situação, de conseguirem levar a cabo uma ampla mobilização de massas?

Não, esses comunistas estiveram, muitos deles, de acordo com as «razões» apresentadas nas comissões por elementos falhos de iniciativa e de audácia e nada a fizeram de concreto no sentido de promoverem a realização de sessões públicas. Em lugar de procurarem ser os orientadores mais firmes e combativos, esses comunistas deixaram-se influenciar pelas ideias dos falhos de perspectivas, e pelos medrosos. Houve mesmo comunistas que, em determinado sector, se rebelaram contra a crítica justa que lhes foi feita por certos democratas dos quadros dirigentes do M.N.D., por nada terem feito essas comissões no decorrer de toda a campanha «eleitoral»!

Alguns comunistas ligados às comissões do M.N.D. não souberam ter sempre presente as lições colhidas com a candidatura do General Norton de Matos e, por isso mesmo, tornaram a repetir os mesmos erros. O legalismo estreito, defendido com tanto calor pelos oportunistas nas comissões da candidatura do General Norton de Matos, ainda desta vez não foi suficientemente combatido em certas comissões do M.N.D. e, o que é bem mais grave, junto de alguns camaradas nossos! Foi esse legalismo estreito que levou alguns militantes do Partido a duvidarem das possibilidades do M.N.D. «romper» com a candidatura do Prof. Rui Luiz Gomes, e foi ele, também, que travou muitas iniciativas, que não permitiu que as comissões do M.N.D. fossem suficientemente audaciosas na mobilização das massas.

Em muitos pontos do país as comissões do M.N.D. mantiveram-se dentro do terreno da reduzidíssima legalidade imposta pelos fascistas, não souberam ligar-se às massas e romper esse coleto de forças que as autoridades fascistas lhe impuseram, não souberam ter em devida conta a experiência colhida em outros pontos onde, devido a uma boa mobilização de massas, os democratas conseguiram realizar sessões e popularizar entre o povo os objectivos da candidatura do Prof. Rui Luiz Gomes. Este legalismo oportunista tomou mesmo, em algumas localidades (como por exemplo o Barreiro) ASPECTOS DE VERDADEIRA SABOTAGEM CONTRA A VONTADE DE LUTA DAS MASSAS.

Que fizeram os nossos camaradas para vencer estas concepções legalistas e oportunistas?

Se é certo que em muitas comissões do M.N.D. as concepções legalistas foram combatidas pelos nossos camaradas e vencidas, em outras comissões os nossos próprios camaradas, obedecendo a um falso conceito de unidade, aceitaram-nas,



não as combateram com a energia devida. Isto, também, porque alguns deles não foram capazes de compreender a vontade de lutar das massas e, por isso mesmo, não foram suficientemente audaciosos para saberem encabeçá-las e nelas se apoiarem, para levarem de vencida o legalismo asfixiante imposto pelas autoridades fascistas.

Em 1949, quando da campanha eleitoral do General Norton de Matos, foi combatida por muitos democratas oportunistas a representação dos trabalhadores nas comissões da candidatura; os oportunistas não queriam ouvir falar em comissões de trabalhadores e resistiram à sua representação dentro das comissões concelhias e distritais; em muitas destas comissões a classe operária não pôde fazer ouvir directamente a sua voz. Em 1951, quando da campanha conduzida pelo M.N.D., a representação operária nas comissões do M.N.D. foi mais larga, mas, em muitas destas comissões, os representantes das comissões de trabalhadores não foram ouvidos, foi sistematicamente subestimada a sua participação nas discussões. Se, em certas comissões, os delegados das comissões de trabalhadores conseguiram fazer aceitar as suas idéias justas, FOI MAIS POR IMPOSIÇÃO DAS MASSAS, A QUE ELES SE ENCONTRAVAM LIGADOS E CUJOS INTERESSES REPRESENTAVAM, QUE POR LIVRE ACEITAÇÃO DOS SEUS PONTOS DE VISTA.

Que revela isto?

Isto revela que alguns democratas que se encontram em certas comissões do M.N.D. NÃO QUEREM COMPREENDER O PAPEL DESTACADO QUE AS CLASSES TRABALHADORAS (PARTICULARMENTE A CLASSE OPERÁRIA) TÊM TIDO NA LUTA PELA PAZ E PELA DEMOCRACIA. Houve mesmo elementos que, dizendo-se comunistas, não sómente não secundaram dentro das comissões do M.N.D. os pontos de vista junto dos representantes das comissões de trabalhadores, COMO INCLUSIVE SABOTARAM E COMBATERAM ESSES PONTOS DE VISTA!

Após o aparecimento da candidatura do Almirante houve comissões que esboçaram todo o seu fogo de barragem, não contra os salazaristas e o candidato da Fome e da Guerra, Craveiro Lopes, mas sim contra os «meirelistas». Se é certo que o aparecimento da falsa oposição «meirelista» desmanteou muitos democratas e exigia por esse facto uma acção rápida das comissões do M.N.D. no sentido de esclarecerem as massas sob o significado dessa candidatura, não é menos certo que o inimigo número um do Fovo português continuava e continua a ser a camarilha salazarista, que era fundamentalmente contra ela que se devia dirigir toda a agitação a levar a cabo pelas comissões do M.N.D.. Também aqui alguns camaradas não souberam imprimir uma orientação justa: desmascarar os «meirelistas», mas dirigir o fogo principal da agitação contra os salazaristas.

### NOVAS TAREFAS E NOVAS LUTAS SE APRESENTAM

As numerosas comissões do M.N.D. formadas por todo o país, a recolha de muitos milhares de assinaturas de apoio à candidatura do Prof. Rui Luiz Gomes e de apoio a vários documentos em defesa da Paz e da Democracia, a edição de dezenas de milhares de manifestos e folhetos, as inscrições murais que por toda a parte apareceram, o entusiasmo verificado nas poucas sessões que se conseguiram efectuar, testemunham, por forma bem eloquente, QUE O POVO PORTUGUÊS ESTAVA E ESTÁ COM O M.N.D. E DISPOSTO A LUTAR EFECTIVAMENTE PELA PAZ E PELA DEMOCRACIA.

Os manejos dos oportunistas e fascistas descontentes, dos putschistas inveterados, que cercam o ex-ministro fascista almirante Quintão Meireles e que, impotentes, tentam desde há muito organizar uma hipotética «Liga Cívica», devem ser desmascarados como contrários aos verdadeiros interesses do nosso povo, da Paz e da Democracia.

No momento em que os salazaristas conspiram activamente contra a Paz mundial e levam a cabo intensos preparativos bélicos, no momento em que, para atingirem esses fins criminosos, eles perseguem ferozmente os patriotas e laçam o país na ruína económica, pondo em jogo a independência nacional, torna-se mais necessário do que nunca a unificação de todos os democratas conscientes e de todos os portugueses honrados e patriotas. Isto quer dizer que, na base de toda a actividade dos comunistas dentro do M.N.D., deve estar a luta pelo alargamento da Unidade.

Como deveremos, porém, compreender esse alargamento da Unidade?

Em primeiro lugar, os comunistas devem fazer compreender aos democratas que o alargamento da Unidade dentro das comissões do M.N.D. não deve significar a presença dentro delas de oportunistas, dos piores inimigos da Unidade. Não, esse alargamento da Unidade, pelo contrário, deverá implicar uma depuração das comissões do M.N.D., no sentido de expulsar delas todos os oportunistas, todos os



sabotadores da Unidade.

Por alargamento da Unidade deveremos, pois, entender o ingresso nas comissões do M.N.D. de todos os democratas honrados e combativos, de todos os patriotas que estejam dispostos a lutar sinceramente pela Paz e pela Democracia. Todos os elementos honestos ligados ao P.R.P. e à União Socialista, que estejam efectivamente dispostos a lutarem em defesa da Paz e pela Democracia, e em desacordo com a acção reaccionária dos seus dirigentes partidários, deverão ser atraídos para as comissões do M.N.D. e mobilizados nas suas lutas.

Devemos fazer sentir aos democratas organizados no M.N.D. que será na base da luta pela Paz e pela Independência nacional que se alargará a Unidade de todos os portugueses, pois são eles os factores fundamentais para a unificação de todos os patriotas e pessoas honradas do nosso país.

O alargamento da Unidade deve implicar, fundamentalmente a formação de um maior número de comissões de trabalhadores, pois que são os trabalhadores os combatentes mais activos contra o fascismo e em defesa da Paz e da Democracia. Um papel muito importante cabe também ao M.N.D. na mobilização política da pequena burguesia. Isso far-se-á, sobretudo, na medida em que o M.N.D. por uma acção política bem orientada, em defesa das classes médias, conseguir mobilizar estas para a luta política. Para isso, importa que nós comunistas defendamos persistentemente dentro das comissões do M.N.D. a necessidade que há de serem largamente abordados nas publicações do M.N.D. os problemas que affligem os pequenos lavradores, industriais e comerciantes. Será essa a forma concreta de se mobilizarem essas camadas do Povo português.

Da mesma forma nós comunistas deveremos lutar dentro das comissões do M.N.D. contra o abandono político a que por vezes são voladas as mulheres e os jovens, combatentes activos em defesa da Paz e pela Democracia, bem assim como os intelectuais progressivos, que tão positiva colaboração e luta pela Paz têm prestado nos últimos tempos.

Cabe, portanto, aos comunistas lutarem dentro das comissões do M.N.D. pelo alargamento da Unidade, MAS UMA UNIDADE QUE EXCLUA TODOS OS SERVENTURIÁRIOS, DECLARADOS OU ENCAPOTADOS, DA REACÇÃO IMPERIALISTA NORTE-AMERICANA E DE TODOS OS FOMENTADORES DE GUERRA. Esse reforçamento da Unidade deve implicar também para todos os democratas um reforçamento da vigilância revolucionária contra os agentes provocadores e espiões da reacção nacional e do imperialismo estrangeiro dentro das próprias fileiras do M.N.D., pois é essa uma das formas a que os inimigos internos da Paz e da Democracia recorrem hoje para debilitarem as organizações democráticas e patrióticas. São os superiores interesses do nosso povo e da independência nacional que exigem dos comunistas portugueses firmeza e intransigência revolucionária quanto a estes pontos fundamentais. São a salvaguarda da vida pacífica do nosso povo e a continuidade da independência nacional, que o exigem.

## POR UMA MELHOR EDUCAÇÃO COMUNISTA

GES  
PCP

Se bem que o Partido registe um salutar e progressivo amadurecimento nos seus quadros, a dura realidade aponta-nos ainda muitas enfermidades que urge curar, para que possamos seguir com serenidade e segurança nas lutas pelas nobres causas da Democracia, da Paz e Independência Nacional.

Para isso impõe-se que as normas sãs estabelecidas pelo Partido sobre a educação sejam acompanhadas e desenvolvidas por todos os militantes, com vista ao total desaparecimento de desvios e deficiências não reveladas a tempo à Direcção do P.. As consequências dessas faltas indesculpáveis têm acarretado ao Partido inúmeros prejuizos. Ora um Partido de vanguarda e de tipo novo não pode quedar-se na complacência ante estes factos, sem que se arrisque a mergulhar na indisciplina e na descrença face à classe operária.

Apesar das justas medidas disciplinares levadas a efeito pelo Partido e dos ensinamentos da sua Direcção, quer no « Militante », quer em vários circulares, continuamos a assistir a condenáveis erros e à sua ocultação. Isto comprova que não basta termos uma linha justa em matéria de educação, é necessário também que cada militante do nosso Partido compreenda, que entre os seus primeiros deveres deve figurar o de se educar a si próprio, para que as suas palavras condigam com as acções.

Como é sabido, um controlheiro que não funde as acções com as palavras, semêta

infalivelmente a desconfiança entre os controlados, desta forma de agir se ressentirá o P., no seu prestígio e confiança entre a classe operária e as largas massas trabalhadoras.

Por outro lado, devem todos os militantes aprender a manejar melhor as indispensáveis armas que são a crítica e a auto-crítica, utilizando-as com coragem e desassombro em toda a sua actividade, como o único método justo para o seu desenvolvimento como quadro e para o desenvolvimento do nosso Partido.

Com efeito, temos vindo a constatar uma série de prisões (mau grado nosso) nas fileiras do nosso Partido. Além dos evidentes prejuízos, verifica-se que em certa medida elas se filiaram no deficiente trabalho conspirativo, o que demonstra que o artigo do «Militante» nº 59 «Um desastre que deverá ser uma lição» foi esquecido pelos nossos camaradas prevaricadores.

A par destas graves faltas, outras se revelam, que exigem uma rápida liquidação nas nossas fileiras.

Trata-se de erros, desvios e deficiências que durante muito tempo são ocultados ao Partido, e na maioria dos casos só conhecidos depois das várias prisões, o que impede que sejam tomadas medidas imediatas que, vitariam muitos desastres e permitiriam uma melhoria em todo o trabalho do Partido.

Que nos revelam estas duras realidades?

Revelam-nos que, além duma inconcebível subestimação por parte de alguns camaradas, dos perigos e prejuízos que recaem sobre o P., com as suas leviandades revelam-nos também que não é menos grave a passividade dos outros camaradas conhecedores dessas deficiências, que as encobrem até que os camaradas infractores são presos. Então e só então surgem as «queixas» e as «críticas» sobre o não cumprimento regular das regras conspirativas há muito estabelecidas pelo Partido, onde a negligência dos «queixosos» e dos «críticos» concorreu para que a verdadeira situação dessas anomalias fosse a tempo conhecida.

Exige a nossa consciência de lutadores de vanguarda, **EXIGE-O A CLASSE OPERÁRIA, EXIGE-O IGUALMENTE O NOSSO POVO QUE RECTIFIQUEMOS PRONTAMENTE ESSAS NEFASTAS DEFICIÊNCIAS.**

Não devemos esquecer que a confiança que o nosso Partido conquistou entre todas as camadas progressivas de Portugal, se deve fundamentalmente à sua justa linha política — sempre guiada pela ciência proletária — o marxismo-leninismo — MAS, TAMBÉM AO FIRME CARACTER COMUNISTA DAQUELES MILITANTES, QUE EM TODAS AS CIRCUNSTÂNCIAS SOBERAM INFORMAR VERDADEIRAMENTE O SEU PARTIDO SOBRE A SUA ACTIVIDADE, DOS SEUS FRACASSOS OU ÊXITOS, ERROS OU MEDIDAS JUSTAS QUE COMETERAM E COMETEM NA LUTA DIÁRIA. Quer-dizer, UTILIZANDO COMO É INDISPENSÁVEL AS ARMAS PODEROSAS DA CRÍTICA E AUTO-CRÍTICA. É justificado o orgulho que sentimos por tais quadros, É TAMBÉM PARA Atingir essa meta, que todos os militantes DEVEM ESFORÇAR-SE, PARA BEM DO NOSSO PARTIDO, DA CLASSE OPERÁRIA E DO NOSSO POVO.

## DISCIPLINA PARTIDARIA



### RESOLUÇÃO DO SECRETARIADO SOBRE AS PRISÕES NO ALENTEJO NO ANO DE 1951

Em princípios de 1951, a PIDE iniciou uma vasta ofensiva repressiva que se estendeu a todo o Baixo Alentejo e a algumas outras regiões. Estas prisões tiveram a sua origem na traição do miserável Mesquita. A traição deste e de outros agentes do inimigo como José Mendonça (Faria), funcionário público em S. Brás de Alportel, Bernardino Alberto Soares (Fernando), comerciante em Ermidas-Gare e actualmente ao serviço da PIDE; Manuel Batista Chanoca (Machado), sapateiro em Loulé e actualmente em Lisboa, onde se apresenta com um nome suposto e Manuel Serrano (Filipe), empregado do comércio, em Beja, permitiu à polícia atingir profundamente bastantes organizações do nosso Partido.

Em consequência das denúncias destes traidores (que os trabalhadores portugueses jamais devem esquecer) e doutros que se lhe seguiram, cerca de 100 camaradas e

simpatizantes do Partido foram presos. Muitos destes camaradas recusaram-se a prestar declarações à PIDE, não obstante as torturas selváticas a que foram submetidos e as acusações e acareações de alguns traidores. Esses camaradas cumpriram com honra o seu dever de comunistas, eles souberam ser dignos da confiança que o Partido e as massas neles depositavam. Esses camaradas souberam ser dignos do Partido de Bento Gonçalves, Alvaro Cunhal, Militão Ribeiro e tantos outros heróis, que perante os verdugos e assassinos da PIDE ergueram bem alto a bandeira do Partido Comunista.

Entre os muitos camaradas que se recusaram a prestar declarações, que souberam ser dignos dos seus nomes honrados, que viram o seu prestígio e o carinho do povo amplamente reforçados, destaca-se o nosso querido camarada Severiano Felcão, operário carpinteiro de Alhandra.

Entretanto, houve muitos elementos que por cobardia, por falta de carácter e honradez, por falta de amor ao nosso Partido e à causa do Povo e da Democracia, entraram no campo da traição, traíndo o Partido, os interesses do povo e seus companheiros de luta. Esses indivíduos indignos traíram a tróca da «liberdade», vendendo a sua honra aos inimigos da Pátria. Porém, o nosso povo não esquecerá as suas traíções, eles serão votados ao desprezo, escorraçados do convívio das pessoas honradas, sobre as suas cabeças cairá a repulsa e o ódio das massas trabalhadoras, até ao dia em que terão de prestar contas ao Povo pela sua traição.

O Secretariado do Comité Central do Partido, fiel à sua política de intransigência perante todos os que traem, fazem denúncias, prestam declarações, dão a conhecer processos de actividade do nosso Partido e da luta anti-fascista e democrática, resolveu expulsar das fileiras do Partido os seguintes indivíduos:

De Beja: — Brito Rosa (Fraga), Narciso Lança (Bruno), Inácio Paixão (Serafim), Bento (Ido), Francisco Santos (Leonel), José Figueira (Orlando), Páscoa (Abel). Ao mesmo tempo o Secretariado chama a atenção das organizações do Partido do Alentejo para o provocador Jacinto, sargento reformado, em Beja.

De Aljustrel: — Figueiras (Maurício) Edemundo Manuel da Silva, Antonio Palma Fernandes (Artur), José Dias (Oscar), António J. Patrício e Páscoa (Chico).

De Castro Verde: — Joaquim António Fernandes. De Garvão: — Anástácio (Zacarias). De Rosário: — Cavaco. De Cazével: — Alfredo Inácio. De Penedo Gordo: — Francisco Pedro, De Ermidas Aldeia: — Manuel Martins.

De Grândola: — Artur Lúcio Feio, Manuel Gamito Canhão, Carlos Peixanita Miharadas, Vitorino Batista e Virgílio Espada.

O Secretariado aguarda informações mais detalhadas e precisas para poder pronunciar-se quanto a outros elementos presos nas regiões de Grândola, Sines, Aljustrel, Castro Verde, Garvão, Funcheira, Penedo Gordo, Beja, etc.. Até lá, todos os camaradas presos durante esta ofensiva repressiva ficam afastados de toda e qualquer actividade partidária.

### **SOBRE AS PRISÕES NO ALGARVE NOS ANOS 1948 E 1950-51**

Em «O Militante» nºs 67 e 68 foram publicadas resoluções disciplinares nas quais foram expulsos a maioria dos indivíduos que traíram perante a polícia no decorrer dos processos de 1948 e 1950-51. O Secretariado, apesar de não poder ainda pronunciar-se em definitivo, quanto a todos os outros, **RESOLVE EXPULSAR DO PARTIDO** mais os seguintes indivíduos.

DE Lagos: Luiz Granito da Glória; José da Costa Guerreiro; Francisco Caetano Barata.

DE Portimão: Adelberto Viegas da Silva; Diogo (deve estar ligado à PIDE); Teodoro Francisco Pacheco e Arménio.

**RECTIFICAÇÃO:** Nos «Militantes» nº 67 e 68 são expulsos Manuel Mami (Olhão) e Belchior Vieira Gomes (Silves), quando os seus nomes são respectivamente: Manuel Manú e Delicier Vieira Gomes.

### **SOBRE PRISÕES NO ALENTEJO NO ANO DE 1949**

Aos elementos expulsos, cujos nomes publicamos no último número do «O Militante», juntamos mais os seguintes:

Vendas Novas: Cremínio de Almeida; Carlos Simões; Francisco Correia Junior; e Francisco António Salsinha.

Montemor-O-Novo: José Roque e António Vicente Calção. Lavre: Mota (Abel), Benavila; Manuel Calado. Crato: Ermenegido Pais da Silva; Barradas (fotógrafo). Chãnsa: Francisco Maria Bizarra. Mina de S. Domingos: Jaime de Oliveira e Silva (ex-soldado em Vendas Novas).